

15 milhões de livros vendidos

KRISTIN HANNAH

As coisas que fazemos por amor



"Kristin Hannah captura a felicidade e o sofrimento de uma família e prova mais uma vez por que é a estrela dos romances." *Booklist*





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Mais uma vez, para Benjamin e Tucker.
Para bons amigos: Holly e Gerald, Mark e Monica,
Tom e Lori, Megan e Kany, Steve e Jill.
E, por fim, um agradecimento especial a
Linda Marrow, por seu empenho além do dever.

“As coisas não mudam; nós é que mudamos.”

– HENRY DAVID THOREAU

UM



As ruas de West End estavam lotadas naquele inesperado dia de sol. Por toda a cidade, mães se postavam na frente da porta de casa, protegendo os olhos com as mãos para observar os filhos brincarem. Todo mundo sabia que em breve – provavelmente no dia seguinte – uma névoa branca se espalharia pelo céu azul, encobrindo o sol tênue, e então voltaria a chover.

Afinal, era maio no Noroeste do Pacífico. As chuvas chegarem nesse mês era tão certo quanto os fantasmas tomarem as ruas no dia das bruxas ou o salmão deixar o mar para voltar à sua casa no rio.

– Está mesmo quente – comentou Conlan no banco do motorista do lustroso BMW preto conversível.

Era a primeira coisa que falava em uma hora. Tentava puxar conversa, só isso. Angie deveria entrar no jogo, talvez mencionar os lindos espinheiros em flor. Mas, assim que o pensamento lhe ocorreu, já se sentiu exaurida. Em poucos meses, aquelas folhinhas verdes iriam escurecer e murchar, suas cores desbotariam nas noites frias e, sem que ninguém sequer notasse, elas cairiam no chão.

Quando se encara as coisas dessa maneira, qual é o sentido de prestar atenção a um momento tão fugaz?

Ela observou a cidade natal pela janela. Fazia meses que não ia ali. Apesar de West End ficar a menos de 200 quilômetros de Seattle, nos últimos tempos tinha a impressão de que aquela distância parecia aumentar. Por mais que amasse a família, achava difícil sair de casa. Havia bebês por toda parte.

Os dois seguiram de carro até a parte antiga da cidade, onde havia casas vitorianas uma ao lado da outra, todas com pequenos jardins. Bordos enormes e frondosos sombreavam a rua, lançando uma intrincada estampa de luz no asfalto. Nos anos 1970, aquele bairro tinha sido o coração de West End. Naquela época se via a garotada por toda parte, pedalando de uma casa a outra. Havia brincadeiras de pique-pega em todos os quintais e, aos domingos, festas de rua depois da missa.

Só que essa parte do estado tinha mudado no correr dos anos e os bairros

antigos se tornaram silenciosos e malconservados. A pesca de salmão se reduziu e a indústria madeireira sofreu grandes reveses. Pessoas que antes viviam da terra e do mar foram esquecidas e novos moradores chegaram para construir casas em aglomerados dentro de seções da cidade que ganhavam os nomes das árvores que morreram para lhes dar lugar.

Mas ali, naquele pequeno pedaço da Maple Drive, o tempo parara. A última casa do quarteirão continuava idêntica ao que era quarenta anos antes. A pintura branca era perfeita e imaculada; os gramados cintilavam de tão bem-cuidados. Nenhuma erva daninha crescia naquela grama: o pai de Angie cuidara dela por quatro décadas; era motivo de orgulho e alegria. Toda segunda-feira, depois de um fim de semana de trabalho árduo no restaurante da família, ele dedicava doze horas à manutenção da casa e do jardim. Desde a morte dele, a mãe de Angie tentava seguir aquela rotina. Tornara-se seu refúgio, uma forma de se manter ligada ao homem que amara por mais de cinquenta anos, e, quando ela se cansava do trabalho pesado, sempre havia alguém disposto a ajudar. Essa ajuda, ela sempre lembrava, era uma das vantagens de ter três filhas. Afirmava ser sua compensação por ter suportado os anos de adolescência delas.

Conlan encostou no meio-fio e estacionou. Enquanto a capota do conversível voltava automaticamente para o lugar, virou-se para Angie.

– Tem certeza de que quer mesmo fazer isso?

– Eu estou aqui, não estou?

Virou-se para ele, afinal. Parecia exausto. O cansaço estava estampado em seus olhos azuis, mas ela sabia que Conlan se calaria, não mencionaria nada que pudesse lembrá-la do bebê que haviam perdido fazia poucos meses.

Ficaram sentados em silêncio, com o ruído do ar-condicionado ao fundo.

O Conlan de antigamente teria se aproximado para beijá-la, teria dito que a amava, e aquelas poucas palavras meigas a teriam salvado. Porém, o tempo em que esse tipo de apoio existia ficara no passado. O amor que um dia sentiram parecia distante, muito distante, tão esmaecido e perdido quanto sua infância.

– Ainda podemos ir embora. Dizer que o carro quebrou – sugeriu Conlan, tentando ser o homem que costumava ser, que conseguia fazer a mulher sorrir.

Angie não olhou para ele.

– Está brincando? Todo mundo acha esse carro supercaro. Além do mais, mamãe já sabe que estamos aqui. Ela pode até estar falando com os mortos, mas ainda ouve bem demais.

– Sua mãe está na cozinha preparando dez mil *cannoli* para vinte pessoas. E suas irmãs não pararam de falar desde que entraram pela porta. Nós podemos escapar no meio da confusão.

Conlan sorriu. Por um momento tudo pareceu normal entre os dois, como se não houvesse fantasmas no carro. Angie desejou que a sensação durasse.

– Livvy preparou três pratos diferentes – murmurou ela. – Mira deve ter tricotado uma toalha de mesa nova e aventais combinando para todo mundo.

– Na semana passada você teve duas reuniões de negócios e uma filmagem de comercial. Dificilmente teria dado tempo para cozinhar.

Pobre Conlan... Catorze anos de casamento e ainda não entendia a dinâmica da família DeSaria. Cozinhar era mais que um trabalho ou passatempo: era uma espécie de valor monetário – e Angie sempre fora falida. O pai, que ela idolatrava, adorava o fato de ela não saber cozinhar. Considerava um sinal de sucesso. O imigrante que chegara ao país com 4 dólares no bolso e crescera alimentando outras famílias de estrangeiros se orgulhava da filha mais nova ganhar a vida usando a cabeça em vez das mãos.

– Vamos entrar – disse Angie, tentando afastar o pensamento do pai.

Saiu do carro e foi até o porta-malas, que se abriu em silêncio para revelar uma estreita caixa de papelão. Dentro havia um requintado bolo de chocolate de uma confeitaria famosa e uma torta de limão pronta para ir ao forno. Pegou o pacote já imaginando os comentários que ouviria sobre sua falta de habilidade culinária. Por ser a caçula – “a princesa” –, ela pudera colorir, falar ao telefone e assistir à TV enquanto as irmãs trabalhavam na cozinha. Nenhuma das duas permitiria que Angie esquecesse que Papa a mimara tanto. Agora adultas, as irmãs cuidavam do restaurante da família. Aquilo, sim, era um trabalho *de verdade*, diziam, ao contrário da carreira publicitária de Angie.

– Vamos lá – falou Conlan, tomando-a pelo braço.

Seguiram pelo caminho pavimentado, passando pela fonte da Virgem Maria, e subiram a escada. Um Cristo de braços abertos ficava perto da porta, saudando quem chegasse. Alguém tinha pendurado um guarda-chuva no pulso da estátua.

Conlan bateu à porta por educação e entrou.

A casa vibrava de barulhos: gente falando alto, crianças subindo e descendo a escada, baldes de gelo sendo abastecidos, risadas. Todos os móveis do vestibulo estavam cobertos por uma camada de casacos, sapatos e caixas de comida vazias.

A sala da família estava repleta de crianças brincando – Candy Land para as mais novas, oito maluco para as maiores. Seu sobrinho mais velho, Jason, e a sobrinha Sarah jogavam videogame. Quando Angie entrou, as crianças deram gritinhos e correram até ela, todas falando ao mesmo tempo, disputando sua atenção. Era a tia que sempre se sentava com eles no chão para brincar do que quer que fosse. Nunca desligava a música que estivessem ouvindo nem dizia

que um filme não servia para eles. Se alguém perguntasse, todos os sobrinhos diriam que tia Angie era superlegal.

Ouviu Conlan às suas costas conversando com Vince, marido de Mira, depois o som de uma bebida sendo servida. Conseguiu abrir caminho pela aglomeração de crianças e seguiu pelo corredor em direção à cozinha.

Parou à porta. Viu Mama diante da grande bancada no meio da cozinha, preparando uma massa. Metade do rosto estava coberta de farinha e o cabelo parecia empoado. Os óculos – remanescentes dos anos 1970 – tinham lentes do tamanho de um pires e aumentavam seus olhos castanhos. Pequenas gotas de suor se acumulavam na testa e escorriam pelas bochechas enfarinhadas, pouso no peito na forma de pequenas bolhas de massa. Nos cinco meses desde a morte do pai, ela perdera muito peso e parara de pintar o cabelo, que agora estava branco como a neve.

Mira se encontrava em frente ao fogão, jogando nhoques numa panela de água quente. Vista por trás, parecia uma garota. Mesmo depois de ter dado à luz quatro filhos, continuava magra, quase como um passarinho, e, como costumava usar as roupas da filha adolescente, parecia dez anos mais nova que seus 41 anos. Os longos cabelos pretos estavam presos numa trança que quase chegava à cintura. Vestia uma calça preta boca de sino de cintura baixa e um suéter vermelho de tricô. Ela estava conversando – o que não era nenhuma surpresa, pois a irmã nunca parava de falar. Papa costumava brincar dizendo que a filha mais velha soava como um liquidificador em alta velocidade.

Livvy estava em pé mais à esquerda, com um vestido de seda preto, fatiando muçarela fresca. A única coisa maior que seus saltos era o volume dos cabelos desfiados. Muito tempo antes, Livvy deixara West End certa de poder virar modelo. Ficara em Los Angeles até a pergunta “Agora você poderia tirar a roupa, por favor?” começar a surgir em todas as pré-seleções de trabalhos. Fazia cinco anos – pouco depois de completar 34 – que voltara para casa amargurada pela derrota, abalada pelo esforço e arrastando consigo os dois filhos pequenos cujo pai ninguém conhecera. Trabalhava no restaurante da família, mas não gostava. Via-se como uma garota de cidade grande presa numa cidade pequena. Recentemente, tinha se casado de novo, numa rápida cerimônia na semana anterior na Capela do Amor de Las Vegas. Todos esperavam que Salvatore Traina – sua terceira grande escolha – enfim a fizesse feliz.

Angie sorriu. Passara tantos momentos naquela cozinha, com aquelas três mulheres... Não importava quantos anos vivesse ou que direções a vida tomasse, aquele sempre seria o seu lar: a cozinha de Mama, onde se sentia segura, acolhida e amada. Embora ela e as irmãs tivessem optado por vidas diferentes

e tendessem a se intrometer muito nas escolhas das outras, eram como fios de uma mesma corda. Juntas, eram fortes. Angie precisava voltar a ser parte disso; andava se lamentando sozinha havia tempo demais.

Entrou na cozinha e pôs a caixa em cima da mesa.

– Oi, garotas.

Livvy e Mira a envolveram num abraço apertado que cheirava a temperos italianos e perfume barato. Angie sentiu a umidade das lágrimas no pescoço, mas ninguém disse nada a não ser:

– Que bom que você chegou.

– Obrigada.

Deu um último abraço nas irmãs e partiu para a mãe, que abriu os braços. Angie se aconchegou naquele calor. Como sempre, ela tinha cheiro de tomilho, perfume Tabu e spray de cabelo Aqua Net. Os aromas da juventude de Angie.

Mama a abraçou tão forte que Angie teve que respirar fundo. Deu uma risada e tentou se afastar, mas a mãe a segurou firme.

Angie enrijeceu. Na última vez que a abraçara desse jeito, a mãe tinha sussurrado: “Você pode tentar de novo. Deus vai lhe dar outro filho.”

Angie se desvencilhou.

– Não – falou, tentando sorrir.

Foi o suficiente – só aquele breve pedido. Mama pegou o ralador de queijo.

– O jantar está pronto. Mira, leve as crianças para a mesa.

A sala de jantar acomodava confortavelmente catorze pessoas, quinze naquela noite. A antiga mesa de mogno, trazida do Velho Mundo, ficava no meio do cômodo grande e sem janelas, recoberto de papel de parede em tons de rosa e vinho. Um crucifixo de madeira trabalhada pendurado na parede ao lado de um quadro de Jesus completava a decoração. Adultos e crianças se reuniram ao redor da mesa. A música de Dean Martin vinha do cômodo ao lado.

– Vamos rezar – disse Mama depois que todos se sentaram.

Como não se fez silêncio de imediato, ela deu um tapinha no cocuruto do tio Francis, que então baixou a cabeça e fechou os olhos. Todos fizeram o mesmo e começaram a rezar. As vozes soavam como uma só:

– Abençoi-nos, Senhor, e abençoi as vossas dádivas que estamos prestes a receber através de Cristo, nosso Senhor. Amém.

Assim que a oração terminou, Mama se levantou, erguendo a taça de vinho.

– Vamos fazer um brinde a Sal e Olivia. – Sua voz vacilava e os lábios tremiam. – Não sei o que dizer.

Sentou-se abruptamente.

Mira tocou no ombro da mãe e se levantou.

– Vamos dar as boas-vindas a Sal em nossa família. Que vocês encontrem o mesmo amor que Mama e Papa sentiam um pelo outro. Que tenham despensas cheias e quartos quentes e... Fez uma pausa, então acrescentou, baixando o tom de voz: –... muitos filhos saudáveis.

No lugar de palmas, risadas e tinir de copos, pairou o silêncio.

Angie respirou fundo e olhou para as irmãs.

– Não estou grávida – foi logo dizendo Livvy. – Mas... estamos tentando.

Angie conseguiu abrir um sorriso, fraco e hesitante, que não enganou ninguém. Todos olhavam para ela imaginando como lidaria com outro bebê na família. Todos tentavam não magoá-la.

Ela ergueu a taça.

– A Sal e a Livvy – falou depressa, torcendo para que as lágrimas parecessem de alegria. – Que vocês tenham muitos filhos saudáveis.

A conversa foi retomada. A mesa se transformou num frenesi de risadas e sons de garfos e facas contra a porcelana. Apesar de a família se reunir em todas as datas festivas e em duas noites de segunda-feira todo mês, sem dúvida havia sempre algo a dizer.

Angie olhou ao redor da mesa. Mira conversava animada com a mãe sobre o evento de arrecadação de fundos para a escola, que precisaria de um bufê. Vince e tio Francis falavam do jogo de futebol americano da semana anterior. Sal e Livvy se beijavam de vez em quando. As crianças mais novas cuspiam ervilhas umas nas outras e as mais velhas discutiam se o Xbox era melhor que o PlayStation. Conlan perguntava à tia Giulia sobre a cirurgia de quadril que ela faria em breve.

Angie não conseguia se concentrar em nenhuma das conversas. Não tinha como trocar amenidades. Quando as irmãs queriam um bebê, ele chegava. Livvy seria capaz de engravidar enquanto assistisse à TV, entre um talk show e um telejornal. *Ops, esqueci a pílula*. Era assim que acontecia com as irmãs.

Depois do jantar, enquanto Angie lavava os pratos, ninguém falou com ela, mas os que passaram perto da pia apertaram seu ombro ou lhe deram um beijo. Todos sabiam que não havia mais o que dizer. Tantas esperanças nutridas, tantas orações ao longo dos anos, que tinham até perdido o brilho. Já fazia quase uma década que Mama mantinha uma vela acesa para Santa Cecília; mesmo assim, Angie e Conlan tinham chegado aquela noite sozinhos, ainda sem filho.

No fim, Angie não conseguiu aguentar. Jogou o pano de prato na mesa e subiu para seu antigo quarto. O cômodo era bonito, ainda com o mesmo papel de parede de rosas e cestos brancos e as camas cobertas com colchas cor-de-rosa. Ela sentou na beirada de uma das camas.

Por ironia, uma vez se ajoelhou diante daquele mesmo lugar rezando para não estar grávida. Tinha 17 anos e namorava Tommy Matucci. Seu primeiro amor.

A porta se abriu e Conlan entrou. O marido irlandês, grandão e de cabelos pretos, parecia deslocado naquele quatinho de menina.

– Está tudo bem – garantiu Angie.

– Sei.

Percebeu a amargura da voz dele e ficou magoada. Mas não havia nada que ela pudesse fazer. Conlan não conseguiria animá-la. Deus sabia que isso já fora comprovado muitas vezes.

– Você precisa de ajuda – falou Conlan com uma voz cansada.

O marido tinha motivos. Não era a primeira vez que dizia isso.

– Eu estou bem.

Conlan ficou olhando para ela por um longo tempo. Os olhos azuis que um dia a fitaram com adoração agora demonstravam um sentimento de derrota quase insuportável. Com um suspiro, ele saiu do quarto e fechou a porta.

Instantes depois a porta tornou a ser aberta. Mama parou na soleira, as mãos no quadril estreito. As ombreiras largas do vestido dominical quase tocavam os batentes.

– Você sempre corria para o quarto quando estava triste. Ou zangada.

Angie chegou um pouco para o lado a fim de abrir espaço.

– E você sempre vinha correndo atrás de mim.

– Seu pai pedia para eu vir. Você nunca soube disso, não é?

Mama sentou ao lado de Angie e o velho colchão afundou com o peso das duas.

– Ele não aguentava ver você chorar. A pobre Livvy podia estourar os pulmões e ele nem notava. Mas você... você era a princesa dele. Bastava uma lágrima para partir o coração do seu pai. – Deu um suspiro cheio de decepção e empatia. – Você tem 38 anos, Angela. Está na hora de crescer. Seu pai... que Deus o tenha... concordaria comigo.

– Eu nem sei o que isso quer dizer.

Mama passou um braço em volta dela, puxando-a para mais perto.

– Deus já deu uma resposta às suas preces, Angela. Não é a resposta que desejava, por isso você não escutou. Chegou a hora de ouvir.



Angie acordou assustada. Seu rosto estava úmido por causa das lágrimas. Sonhara mais uma vez com o bebê. Era o sonho em que ela e Conlan ficavam

em margens opostas. Entre eles, no mar azul cintilante, flutuava uma trouxinha rosa. Pouco a pouco, ela se afastava, até sumir. No momento em que desaparecia, os dois ficavam sozinhos, ela e Conlan, distantes um do outro.

Era um sonho que tinha fazia anos, desde os tempos em que ela e o marido andavam de um consultório médico a outro, tentando diversos procedimentos. Supostamente, ela era uma mulher de sorte: em oito anos, conseguira conceber três vezes. Duas gestações acabaram em abortos espontâneos e, na terceira vez, a criança – Sophia – chegara a viver alguns poucos dias. E isso fora o fim. Nem ela nem Conlan tiveram coragem de tentar de novo.

Angie se afastou do marido, pegou o roupão de chenile cor-de-rosa do chão e saiu do quarto.

O corredor escuro esperava por ela. À sua direita, a parede era forrada por dezenas de fotos de família, todas em molduras de mogno. Retratos de cinco gerações dos DeSarias e dos Malones.

Olhou para o final do longo corredor às escuras, para a última porta. A maçaneta brilhava sob a luz da lua vinda da janela mais próxima.

Fazia quanto tempo que não ousava entrar naquele cômodo?

Deus já deu uma resposta... Chegou a hora de ouvir.

Andou devagar, passando pela escada e pelo quarto de hóspedes vazio até chegar à última porta.

Respirou fundo. Suas mãos tremiam quando girou a maçaneta e entrou. O ar era pesado, lembrava algo velho e bolorento.

Acendeu a luz e fechou a porta.

O quarto era perfeito.

Fechou os olhos, como se a escuridão pudesse ajudar. A doce melodia de *A Bela e a Fera* passou por sua cabeça, transportando-a para a primeira vez que fechara a porta daquele quarto, tantos anos antes. Tinha sido quando se decidiram pela adoção.

Estamos com um bebê, Sra. Malone. A mãe é uma adolescente e escolheu você e Conlan. Venha até o meu escritório para conhecê-la.

Angie tinha precisado de cada uma das quatro horas que faltavam até o encontro para escolher uma roupa e se maquiar. Quando ela e Conlan afinal se encontraram com Sarah Dekker no escritório da advogada, os três sentiram uma ligação imediata. “Nós vamos amar o seu filho”, prometera Angie à garota. “Pode confiar em nós.”

Durante seis maravilhosos meses, Angie e Conlan desistiram de tentar engravidar. O sexo se tornou divertido como antes; sem nenhum esforço, os dois voltaram a se apaixonar. A vida ficou boa. Havia esperança na casa. Eles co-

memoraram com as famílias. Levaram Sarah para casa e a acolheram de coração. Acompanharam todas as consultas no obstetra. Duas semanas antes do nascimento, Sarah voltou para casa com tinta e alguns moldes, e Angie e ela decoraram aquele quarto juntas. No teto e na parede, um céu azul de nuvens brancas e fofas. Cerquinhas brancas entrelaçadas de flores coloridas, salpicadas de abelhas, fadas e borboletas.

O primeiro sinal do desastre aconteceu no dia em que Sarah foi para o hospital. Angie e Conlan estavam trabalhando. Quando chegaram, a casa estava vazia e silenciosa, sem mensagens na secretária eletrônica nem recados na mesa da cozinha. Menos de uma hora depois o telefone tocou.

Os dois correram de mãos dadas para atender e choraram de felicidade ao saber do nascimento do bebê. Demorou algum tempo para as outras palavras serem registradas. Angie ainda se lembrava de partes da conversa.

Sinto muito...

... mudou de ideia...

... voltou com o namorado...

... vai ficar com o bebê.

Os dois fecharam a porta do quarto e a mantiveram trancada. Uma vez por semana a faxineira se aventurava a entrar, mas Angie e Conlan nunca mais passaram por aquela porta. O quarto continuou vazio por mais de um ano, o santuário de um sonho desfeito. Desistiram de tudo – dos médicos, dos tratamentos, das injeções, dos procedimentos. Então, por um milagre, Angie concebeu mais uma vez. Quando estava grávida de cinco meses, os dois ousaram entrar naquele quarto de novo e preenché-lo com seus sonhos. Deveriam ter sido mais precavidos.

Angie foi até o armário e pegou uma grande caixa de papelão. Devagar, começou a guardar tudo nela, tentando não despertar uma lembrança a cada peça que tocasse.

– Ei.

Angie nem ouvira a porta se abrir, mas lá estava ele no quarto com ela.

Sabia quanto aquilo parecia loucura para ele: encontrar a esposa sentada no meio do quarto com uma caixa enorme de papelão ao lado. Dentro dela estava seu modesto tesouro: o abajur de ursinho, o porta-retratos de Aladdin, a coleção de livros infantis do Dr. Seuss novinha em folha. O único móvel que restava era o berço. As roupas de cama estavam ao lado dele, no chão, uma pequena e bem organizada pilha de flanela rosa.

Angie se virou para olhar Conlan. As lágrimas lhe turvavam a visão, mas até aquele momento ela nem notara. Quis dizer ao marido que sentia muito;

tinha dado tudo errado entre eles. Pegou um montinho de lençóis cor-de-rosa e acariciou o tecido.

– Isso me deixou louca – foi só o que conseguiu dizer.

Conlan se sentou ao lado dela.

Angie esperou que falasse, mas ele só ficou ali, encarando-a. Ela entendia: o marido aprendera a ser cauteloso. Era como um animal que se adaptara ao perigo – imóvel, silencioso. Os medicamentos para fertilidade e os sonhos desfeitos haviam tornado as emoções de Angie muito instáveis.

– Eu me esqueci de nós – disse ela.

– Já nem existe *nós*, Angie.

A forma delicada como ele falou aquilo partiu seu coração. Por fim um dos dois tivera coragem de dizer.

– Eu sei.

– Eu também queria um filho.

Angie engoliu em seco, tentando manter as lágrimas sob controle. Nos últimos anos, tinha esquecido que Conlan sonhava com a paternidade tanto quanto ela desejava ser mãe. Em algum lugar no meio do caminho, tudo acabara se concentrando nela. Angie focara tanto na própria tristeza que subestimara a de Conlan. Sabia que essa era uma das verdades que a atormentariam para sempre. Sempre se dedicara a ter sucesso na vida – a família a chamava de obsessiva – e ser mãe era uma das metas a atingir. Deveria ter se lembrado que esse era um esporte jogado em equipe.

– Desculpe – disse ela.

Conlan a abraçou e a beijou. Era o tipo de beijo que não trocavam fazia anos. Ficaram assim por um longo tempo, enlaçados.

Angie queria que o amor dele tivesse sido suficiente. Deveria ter sido. Mas a necessidade dela de ter um filho fora como uma correnteza, uma força avassaladora que os afogara. Talvez um ano antes ela tivesse conseguido nadar até a superfície. Mas agora não.

– Eu amei você...

– Eu sei.

– Nós deveríamos ter sido mais cuidadosos.

Mais tarde naquela noite, sozinha na cama que os dois compraram juntos, Angie tentou se lembrar de como tudo acontecera, das coisas que disseram um para o outro naquele instante final da história de amor dos dois, mas não conseguiu recordar nada. Só o que surgia em sua mente eram o cheiro de talco de bebê e o som da voz de Conlan ao se despedir.

DOIS



Era incrível o tempo que se levava para desfazer uma vida. Assim que Angie e Conlan resolveram terminar o casamento, vieram os detalhes, como dividir tudo pela metade, principalmente as coisas indivisíveis, como casas, automóveis e corações. Os dois passaram meses cuidando dos pormenores do divórcio, e no final de setembro estava tudo concluído.

A casa dela – não, agora era a casa dos Pendersons – ficou vazia. Em vez de quartos, uma sala de estar com móveis caros e uma cozinha revestida de granito, ela agora tinha uma considerável quantia de dinheiro no banco, um depósito referente aos seus 50% da mobília e, ainda, um carro cheio de malas.

Angie sentou na beira da lareira de tijolos e observou o brilho dourado do assoalho de madeira.

Quando se mudara para ali com Conlan, o chão tinha carpete azul.

“Assoalho de madeira”, disseram um para o outro, sorrindo da facilidade com que concordavam e do poder de seus sonhos. “Carpete e crianças não combinam.”

Tanto tempo atrás...

Dez anos nessa casa. Parecia uma vida.

A campanha tocou.

Angie ficou tensa. Mas não poderia ser Con. Ele tinha a chave. Além disso, não deveria aparecer por ali naquele dia. Era o dia de Angie embalar suas coisas. Depois de catorze anos de casamento, agora eles combinavam dias diferentes para estarem na casa que fora deles.

Levantou-se, atravessou a sala e abriu a porta.

Eram Mama, Mira e Livvy, amontoadas embaixo do telhado da entrada tentando se proteger da chuva. Também tentavam sorrir, mas nenhuma delas com muito sucesso.

– Um dia como esse exige a presença da família – disse a mãe, enquanto todas entravam como uma matilha.

O cesto de piquenique no braço de Mira exalava cheiro de alho.

– Focaccia – explicou a irmã, respondendo ao olhar interrogativo de Angie.
– Você *sabe* que comida alivia qualquer problema.

Angie sorriu sem querer. Quantas vezes na vida voltara da escola arrasada por alguma mancada que cometera e ouvira a mãe dizer: “Coma alguma coisa. Você vai se sentir melhor.”

Livvy se pôs ao lado da irmã caçula. Com um suéter preto e calça jeans justa, parecia uma atriz exuberante.

– Já passei por dois divórcios. Comida não ajuda em *nada*. Eu disse para ela pôr tequila no cesto, mas você conhece a nossa mãe. – Então chegou mais perto da irmã e sussurrou: – Tenho antidepressivo na bolsa, se você precisar.

– Vamos, vamos – disse Mama, assumindo o comando e encaminhando sua ninhada para a sala vazia.

Foi quando Angie realmente sentiu o peso do fracasso. Ali estava a família dela, procurando um lugar para sentar numa casa vazia, que ainda era um lar na noite anterior.

Angie se acomodou no chão duro e frio. O silêncio pairou, todas à espera de que ela falasse. Seguiriam a orientação que ela desse. Era o que a família fazia. O problema era que Angie não tinha aonde ir nem nada a dizer. Em qualquer outra ocasião, as irmãs dariam risada disso. Agora a situação não era nada engraçada.

Mira sentou ao lado de Angie e se aproximou. As tachinhas do jeans desbotado raspavam no piso. Mama se acomodou diante da lareira de tijolos. Livvy ficou ao lado da mãe.

Angie olhou ao redor e viu expressões tristes e solidárias.

– Se Sophia ainda estivesse viva... – começou, querendo se explicar.

– Não entre nessa – sentenciou Livvy. – Não ajuda em nada.

Angie sentiu os olhos arderem. Quase cedeu à dor ali mesmo e se deixou abater de vez, mas logo se recompôs. Chorar não adiantaria nada. Que inferno! Passara a maior parte do último ano em prantos, e aonde aquilo a levaria?

– Você tem razão – concordou.

Mira abraçou a irmã. Era o que Angie precisava. Quando se afastou, sentia-se ao mesmo tempo mais abalada e mais forte, e as outras três a encaravam.

– Posso ser franca? – perguntou Livvy, abrindo o cesto e tirando uma garrafa de vinho tinto.

– De jeito nenhum – respondeu Angie.

Livvy a ignorou:

– Você e Conlan já viviam aos trancos e barrancos fazia muito tempo. Acredite em mim, eu sei quando um relacionamento vai mal. Era mesmo hora de

desistir – opinou e começou a servir taças de vinho. – Agora você deve ir para algum outro lugar. Tirar um tempo para si mesma.

– Fugir não vai adiantar – disse Mira.

– Papo furado – retrucou Livvy, oferecendo uma taça a Angie.

– Você tem dinheiro. Viaje, vá para uma praia linda, use biquínis minúsculos.

Angie sorriu. A pontada que sentia no peito se abrandou um pouco.

– Então eu devo comprar um biquíni microscópico e exibir minha bunda antes que caia ainda mais?

Livvy deu risada.

– Querida, não seria tão ruim assim.

Durante a hora seguinte, elas permaneceram na sala vazia, tomando vinho tinto, comendo, falando amenidades. Do clima. Da vida em West End. Da recente cirurgia da tia Giulia.

Angie tentava acompanhar a conversa, mas não parava de pensar em como fora parar ali: sozinha e sem filhos aos 38 anos. Os primeiros anos do casamento foram tão bons...

– Porque os negócios vão mal – disse Livvy, se servindo de mais vinho. – Que outra coisa poderíamos fazer?

Angie retornou à conversa, surpresa ao perceber que se distraíra por vários minutos. Levantou a cabeça.

– Do que vocês estão falando?

– Mama quer vender o restaurante – disse Mira.

Angie enrijeceu.

– *O quê?*

O restaurante era o eixo da família, o centro de tudo.

– Nós não íamos falar sobre isso hoje – rebateu a mãe, lançando um olhar zangado a Mira.

Angie olhou para as três, uma de cada vez.

– Que diabo está acontecendo?

– Olhe o linguajar, Angela! – advertiu Mama, mas sua voz parecia cansada. –

O movimento no restaurante vai mal. Não vejo como mantê-lo.

– Mas... papai adorava o restaurante – argumentou Angie.

Lágrimas escorreram dos olhos escuros da mãe.

– Nem precisa me dizer.

Angie olhou para Livvy.

– O que há de errado com o movimento?

Livvy deu de ombros.

– A economia vai mal.

– O DeSaria's funciona sem problemas faz trinta anos. Não pode estar...

– Não acredito que *you* quer nos dizer como administrar um restaurante – disparou Livvy, acendendo um cigarro. – O que uma redatora poderia saber a respeito?

– Diretora de criação. E é administrar um restaurante, não fazer uma cirurgia no cérebro. Basta oferecer uma boa comida a um bom preço. Como isso pode...

– Parem com isso, vocês duas – ordenou Mira. – Mama não precisa ouvir essas coisas.

Angie olhou para a mãe, mas não soube o que dizer. De repente, a família que havia poucos instantes era o alicerce da sua vida parecia ruir.

Todas se mantiveram em silêncio. Angie ficou pensando no restaurante... no pai, que sempre fora capaz de fazê-la sorrir, mesmo quando seu coração estava prestes a se despedaçar... e no mundo seguro em que ela e as irmãs cresceram.

O restaurante era a âncora da família. Sem ele, elas se afastariam umas das outras. E seguir a própria maré era solitário. Angie sabia disso.

– Angie poderia ajudar – sugeriu Mama.

Livvy estalou a língua com ceticismo.

– Ela não sabe nada do negócio. A princesa do papai nunca...

– Quieta, Livvy – ralhou a mãe, olhando para a caçula.

Angie entendeu tudo naquele olhar. Mama estava lhe oferecendo um lugar onde se esconder das lembranças dolorosas. Para a mãe, voltar para casa era a resposta de todas as perguntas.

– Livvy tem razão – disse Angie devagar. – Não sei nada sobre o negócio.

– Você ajudou aquele restaurante em Olympia. O sucesso da sua campanha chegou aos jornais – recordou Mira, observando a reação da irmã. – Papa fez a gente ler todos os recortes.

– Que Angie mandou para ele pelo correio – acrescentou Livvy, soltando uma baforada de fumaça.

Angie tinha mesmo ajudado aquele restaurante a se reerguer. Mas só precisara de uma boa campanha e um investimento em marketing.

– Talvez você *realmente* possa ajudar – comentou Mira afinal.

– Não sei – falou Angie.

Fazia tanto tempo que deixara West End certa de que o mundo esperava por ela... Como seria voltar para lá?

– Você poderia morar na casa de praia – sugeriu Mama.

A casa de praia.

Angie pensou no pequeno chalé no litoral bravio e varrido pelo vento e dezenas de lembranças preciosas lhe vieram à cabeça, uma atrás da outra.

Sempre se sentira amada e em segurança naquela casa. Protegida.

Talvez lá ela conseguisse voltar a sorrir, naquele lugar em que ria tanto e com tanta facilidade quando era menina.

Olhou ao redor, para a casa ao mesmo tempo vazia demais e cheia de tristeza, numa cidade que continha tantas recordações infelizes. Talvez voltar para casa fosse *mesmo* a resposta, ao menos por um tempo, até ela descobrir de novo qual era o seu lugar.

Não se sentiria sozinha no chalé; não como se sentia em Seattle.

– É – disse afinal, erguendo a cabeça. – Eu poderia ajudar por algum tempo.

Não saberia dizer qual foi a emoção dominante naquele momento – alívio ou decepção. Só tinha certeza do seguinte: não queria ficar sozinha.

Mama sorriu.

– Papa sempre dizia que você voltaria para nós algum dia.

Livvy revirou os olhos.

– Ah, que ótimo. A princesa vai voltar para ajudar as pobres caipiras a administrarem o restaurante.



Uma semana depois, Angie estava a caminho. Preparou-se para partir para West End da mesma forma como começava qualquer projeto: seguindo em frente a toda velocidade. Primeiro, ligou para o chefe na agência de publicidade e pediu uma licença.

Pego de surpresa, o chefe hesitara e chegara a se atrapalhar ao telefone. Não havia percebido nenhum indício de que ela estivesse descontente, nada. “Se quer uma promoção...”

Angie rira e explicara que só estava cansada. “Cansada?”

Precisava dar um tempo. E não fazia ideia de quanto. Quando a conversa chegou ao fim, Angie tinha pedido demissão. Por que não? Precisava encontrar uma nova vida, e não poderia fazer isso se apegando à antiga. Tinha bastante dinheiro no banco e muitas aptidões para o mercado de trabalho. Quando estivesse pronta para voltar à realidade, poderia arranjar outro emprego.

Tentou não pensar em quantas vezes Conlan insistira para que ela fizesse exatamente isso. “Esse trabalho está matando você”, costumava dizer. “Como podemos relaxar se você está sempre acelerada? Os médicos afirmam que...”

Angie aumentou o volume – uma música antiga e suave – e pisou no acelerador.

Os quilômetros passavam depressa, afastando-a de Seattle e levando-a para mais perto da cidade de sua juventude.

Saiu da interestadual e começou a seguir as indicações de região costeira que levavam a West End.

A cidadezinha a recebeu bem, com ruas cintilantes e folhas ainda molhadas de chuva. As fachadas de pedra, havia muito pintadas de azul e verde vivos e rosa-claro para dar o tom de aldeia pesqueira vitoriana, com o passar dos anos tinham desbotado. Enquanto dirigia pela Front Street, lembrou-se dos desfiles de Quatro de Julho. Todos os anos a família se vestia a caráter e carregava uma faixa com os dizeres *Restaurante DeSaria's*. Jogavam doces para a multidão. Angie detestava aquilo, mas agora... agora sorria com tristeza ao recordar a alegria do pai. “Você é parte dessa família, Angela. Continue marchando”, dizia ele.

Abaixou o vidro e sentiu o aroma salino de maresia misturado com o perfume de pinheiros. Alguém abrira a porta de uma padaria e um leve toque de canela chegou até ela pela brisa.

A rua estava movimentada, mas não tão cheia de gente nesse final de tarde de setembro. Para onde quer que olhasse, pessoas conversavam animadas. Avistou o Sr. Peterson, o farmacêutico local, de pé em frente à drogaria. Ele acenou e Angie retribuiu o gesto. Sabia que em poucos minutos ele entraria na loja de ferragens ao lado para contar ao Sr. Tannen que Angie DeSaria tinha voltado. Em seguida iria sussurrar: “Coitadinha. Divórcio, sabe?”

Chegou a um semáforo – um dos quatro da cidade – e reduziu a velocidade. Ia virar à esquerda, na direção da casa dos pais, mas o mar emitiu seu canto de sereia e Angie acabou cedendo. Além do mais, ela ainda não estava pronta para rever a família.

Virou à direita e seguiu a estrada longa e sinuosa que saía da cidade. À sua esquerda, o oceano Pacífico era um velame cinzento e revoltado que se estendia ao infinito. O vento criava ondas na relva e nas dunas.

Ali ficava um mundo diferente, ainda que a menos de 2 quilômetros da cidade. Havia poucas casas. De vez em quando uma placa indicava um resort ou bangalôs de aluguel com vista para o mar, mas nada disso se via da estrada. Esse pedaço de praia, escondido entre grandes árvores, numa cidade fora da estrada entre Seattle e Portland, ainda não fora “descoberto” pelos jovens profissionais de classe média da cidade grande e a maioria da população local não tinha como comprar uma propriedade na praia. Por isso a área continuava preservada. Primitiva. O mar rugia, alardeando sua presença e lembrando aos passantes que, não fazia muito tempo, as pessoas acreditavam que havia dragões em suas águas. Mas às vezes o oceano estava calmo, enganosamente calmo, e nessas ocasiões turistas eram atraídos por uma falsa sensação de segurança.

Entravam nas águas ondulantes com seus caiaques alugados e remavam de um lado para outro. Todos os anos alguns turistas se perdiam; só os caiaques coloridos retornavam.

Por fim Angie chegou a uma velha e enferrujada caixa de correio que dizia *DeSaria*.

Entrou pela via lateral de terra. Árvores gigantescas a rodeavam pelos dois lados, bloqueando a maior parte do céu e todo o sol. O terreno era coberto por agulhas de pinheiros caídas e samambaias enormes. A névoa forrava o chão e se elevava pelo ar, conferindo ao lugar uma aparência inacreditavelmente suave. Angie tinha se esquecido da neblina que surgia todas as manhãs no outono, como se a terra exalasse um suspiro. Às vezes, ao caminhar bem cedo, era impossível enxergar os próprios pés. Quando eram crianças, ela e as irmãs saíam de manhã em busca daquela névoa e brincavam de chutar a neblina.

Estacionou ao lado do chalé e desligou o motor.

A sensação foi tão meiga e intensa que ela ficou com um nó na garganta. A casa que o pai construía com as próprias mãos ficava numa minúscula clareira, cercada por árvores que já eram velhas quando os primeiros exploradores passaram por aquele território. O telhado, antes vermelho, agora tinha uma tonalidade de madeira desbotada. O beiral branco já quase não se destacava.

Quando saiu do carro, ouviu a sinfonia dos verões de sua infância – o rugido das ondas quebrando, o assobio do vento passando pelas árvores. Em algum lugar alguém empinava uma pipa. O som do papel contra o vento a remeteu ao passado.

Venha aqui, princesa. Ajude o papai a aparar esses arbustos...

Ei, Livvy, espere aí! Não corra tão depressa...

Mama, a Mira não quer devolver meus marshmallows...

Tinha sido ali que aconteceram todos os momentos de animação, ira, alegria e tristeza que formavam a história da sua família. Angie ficou parada um instante, rodeada por árvores e sob aquela luz do sol esmaecida, e absorveu todas as lembranças que deixara para trás.

O tronco apodrecido de onde brotavam dezenas de plantas tinha sido onde Tommy a beijara pela primeira vez... e tentara passar a mão nela. O local perto do poço da casa fora o melhor esconderijo nas brincadeiras de pique.

Adiante, oculta à sombra de dois cedros gigantescos, ficava a gruta das samambaias. Dois anos antes, no verão, ela e Conlan tinham levado todos os sobrinhos e sobrinhas ali para acampar. Construíram um forte no meio das enormes samambaias e fingiram ser piratas. Contaram histórias de fantasmas à

noite, todos reunidos em volta da fogueira, assando marshmallows para comer com biscoitos.

Naquela época, Angie ainda acreditava que um dia estaria ali com os próprios filhos...

Com um suspiro, levou a bagagem para dentro da casa. O térreo era um grande salão: uma cozinha à esquerda, com gabinetes amarelo-claros e bancadas de lajota branca; uma pequena sala de jantar no canto (de alguma forma, os cinco comiam naquela mesinha); a sala de estar que ocupava o resto do espaço. Uma grande lareira de pedras dominava a parede norte. Ao seu redor, amontoavam-se dois sofás azuis com um estofamento muito fofo, uma surrada mesa de centro de pinho e a desgastada poltrona de couro de Papa. Não havia TV no chalé. Nunca houvera.

“Aqui nós conversamos”, o pai sempre dizia quando as filhas se queixavam.

– Oi, Papa – murmurou Angie.

A única resposta foi o vento batendo nas janelas.

Tap. Tap. Tap.

Era o som de uma cadeira de balanço movendo-se sobre o assoalho de madeira em um cômodo desocupado.

Tentou ser mais rápida que as lembranças, mas elas eram velozes demais. Sentiu que ia perder o controle. A cada respiração, parecia que o tempo avançava, afastando-se dela. Sua juventude a abandonava, tão impossível de ser agarrada como o ar que respirava nas noites sozinha na cama.

Deixou o ar sair com força. Sentiu-se tola por ter acreditado que as coisas seriam diferentes ali. Por que seriam? Lembranças não viviam nas ruas ou nas cidades. Fluíam com o sangue, pulsavam com as batidas do coração. Ela carregava todas consigo, cada perda e tristeza. O peso delas era tamanho que a deixava encurvada, exausta.

Subiu a escada e entrou no antigo quarto dos pais. Não havia lençóis e cobertores na cama – claro, deviam estar guardados numa caixa dentro do armário – e o colchão estava empoeirado, mas Angie não se incomodou. Deitou-se na cama em posição fetal.

Voltar para casa não tinha sido uma boa ideia. Fechou os olhos e tentou dormir, ouvindo as abelhas zumbirem do outro lado da janela.



Na manhã seguinte, Angie acordou com o sol. Olhou para o teto e ficou observando uma gorda aranha negra tecer uma teia.

Seus olhos estavam inchados e incomodavam, como se houvesse areia neles. Mais uma vez, banhara o colchão com suas lembranças.

Já estava farta daquilo.

Parar era uma decisão que tinha tomado centenas de vezes no último ano. Só que agora estava determinada.

Abriu a mala, encontrou uma muda de roupa e foi para o banheiro. Depois da ducha quente, sentiu-se renovada. Prendeu o cabelo num rabo de cavalo, vestiu uma calça jeans desbotada e um suéter vermelho de gola rulê e pegou a bolsa na mesa da cozinha. Estava pronta para partir para a cidade quando por acaso deu uma olhada pela janela.

Lá fora, Mama estava sentada num tronco caído no limite do terreno. Conversava com alguém, gesticulando daquela forma exagerada que tanto envergonhava Angie na juventude.

Sem dúvida a família toda discutia se Angie poderia ter alguma utilidade no restaurante. Depois da última noite, ela mesma se questionava a respeito. Sabia que, assim que surgisse na varanda, todos falariam ao mesmo tempo, um vozeiro ensurdecedor no qual ninguém se entenderia. Passariam uma hora inteira debatendo os prós e contras da volta de Angie.

A opinião dela mal seria levada em consideração.

Parou na porta dos fundos para tomar coragem. Forçou um sorriso, abriu a porta e saiu, procurando pela multidão.

Mas não havia ninguém além da mãe.

Angie atravessou o quintal e sentou no tronco.

– Sabíamos que você acabaria vindo, mais cedo ou mais tarde – falou a mãe.

– “Sabíamos”?

– Eu e o seu pai.

Angie suspirou. Então a mãe continuava falando com Papa. Tristeza era uma coisa que Angie conhecia muito bem. Não poderia culpar a mãe por se recusar a esquecer. Mesmo assim, não conseguia deixar de pensar se aquilo seria motivo de preocupação. Pegou na mão dela. A pele era flácida e macia.

– E o que ele tem a dizer sobre a minha volta para casa?

Mama suspirou com alívio.

– Suas irmãs me pedem para procurar um médico. Você me pergunta o que Papa tem a dizer. Ah, Angela, estou feliz por você estar em casa...

Puxou a filha para um abraço.

Pela primeira vez, a mãe não estava toda agasalhada e elegante; usava só um suéter de tricô e uma calça jeans. Angie percebeu quanto ela emagrecera e ficou preocupada.

- A senhora emagreceu mais ainda – falou, afastando-se para observá-la.
- É claro, passei 47 anos jantando com meu marido. Sozinha é difícil.
- Então nós duas vamos jantar juntas. Eu também estou sozinha.
- Você vai ficar?
- Como assim?

- Mira acha que você precisa de alguém para cuidar de você e um lugar para se esconder por alguns dias. Não é fácil administrar um restaurante cheio de problemas. Ela acha que você vai embora em um ou dois dias.

Angie sabia que Mira falava pelas outras da família, e não ficou surpresa. A irmã nunca entendera o tipo de sonho que leva uma jovem a buscar uma vida diferente... ou a dor que pode mandá-la de volta para casa. A família sempre achava que Angie era ambiciosa demais e que isso acabaria prejudicando-a.

- E o que a senhora acha?

Mama mordeu o lábio inferior, um gesto tão conhecido como o som do mar.

- Papa diz que esperou vinte anos para que você assumisse o filho dele... o restaurante... e não quer que ninguém a atrapalhe.

Angie sorriu. Aquelas palavras eram a cara do pai! Por um segundo, quase acreditou que ele estava ali com as duas, sob a sombra de suas adoradas árvores.

Angie desejou poder ouvir a voz dele de novo, mas só escutou o som do mar encontrando a areia. Não conseguiu deixar de pensar na noite anterior e em todas as lágrimas que derramara.

- Não sei se já estou forte o bastante para ajudar vocês.

- Ele adorava sentar aqui e ficar olhando o mar – disse a mãe, inclinando-se na direção dela. - “Precisamos consertar essa escada, Maria.” Era a primeira coisa que ele dizia todo verão.

- A senhora ouviu o que eu disse? A noite passada... foi difícil.

- Todo verão nós fazíamos um bocado de reformas. Este lugar nunca passou dois anos com a mesma aparência.

- Eu sei, mas...

- Sempre começando pela mesma coisa: consertando a escada.

- Só a escada, hein? – disse Angie, sorrindo afinal. - As mais longas jornadas começam com um primeiro passo, não é?

- Alguns ditados são a mais pura verdade.

- Mas e se eu não souber por onde começar?

- Você vai saber.

Mama a abraçou. Ficaram sentadas ali por um longo tempo, apoiadas uma na outra, olhando para o mar. Finalmente, Angie falou:

- A propósito, como a senhora sabia que eu estava aqui?

– O Sr. Peterson viu você passar de carro.

– E é assim que começa.

Angie sorriu ao lembrar-se da ligação que havia entre os moradores dessa cidade. Uma vez, em um baile, ela deixara Tommy Matucci pôr a mão na sua bunda. A notícia chegara à mãe dela antes que a dança terminasse. Quando era menina, Angie detestava aquele ambiente de cidade pequena. Agora se sentia bem em saber que as pessoas cuidavam dela.

Angie ouviu o motor de um carro. Olhou para os fundos da casa. Uma mini-van verde-folha estacionou no quintal.

Mira saiu do veículo. Usava um macacão jeans desbotado e uma velha camiseta do Metallica. Carregava uma pilha de livros contábeis.

– A melhor hora para começar é agora. Mas é melhor você ler rápido... antes que Livvy dê falta disso.

– Está vendo? – disse Mama, sorrindo para Angie. – A família sempre mostra por onde começar.

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

